

4^a Parte

Discursos

Concessão do Mérito Cultural

Dorian Sampaio

Senhoras e Senhores

Por que eu? - foi a pergunta que me fiz, ao receber, do presidente desta Casa o comunicado da inclusão de meu nome, entre os laureados, este ano, do Diploma Mérito Cultural. Uma indagação que se reforçou com a honraria subsequente, a de Orador dos agradecimentos, missionado para falar em nome do galardoado elenco.

Que paciência tenha o auditório, porque recompensado será. Pois juro fazer um discurso curto.

Parece estar a ocorrer fato semelhante ao acontecido, quando a Academia Brasileira de Letras se preparava para realizar a sessão comemorativa do Centenário da Independência. O presidente do respeitável Sodalício, em meio aos outros 39 luminares, alguns dos quais festejados oradores da época, preferiu entregar a Medeiros e Albuquerque a oratória da solenidade. O qual, na desincumbência da tarefa, soube - do que me aproveito agora - responder àquela angustiante pergunta do *por que eu*.

Um lingüista, ou poetas, ou qualquer dos prosadores - explicou Medeiros - viveria momentos cruciais. Ou estender-se-ia além do que a sessão comportaria, ou reduziria a falação. O que lhe seria profundamente desagradável, pois o interpretariam como um despreparado, senão um traidor do seus pares de especialização literária.

Já o jornalista não se dá a tais preocupações. Está muito acima da vã filosofia da meticulosidade cuidadosa dos literatos. Jornalista, todos aqui sabem, por dever de ofício, tira de letra as dificuldades, nas horas da determinação editorial, despachante que é das encomendas feitas sob medidas rigorosamente matemáticas. São tantas linhas a cobrir, 65 toques cada, espaço dois, pouco adjetivo, o fato na sua pureza bruta, sem mantos diáfanos. Até a história universal inteira escreve em duas laudas, assim o exija o dono do jornal.

Por ser um jornalista e nada mais que isso, ao escolhido para esta noite, até o nosso poeta Artur, deixou o principado de lado e ditou inflexível: “quero discurso de não mais 15 minutos”.

Dá pra ir. Pois somos, os jornalistas, enciclopédicas figuras, conhecedores absolutos da verdade, especialistas das generalidades. Literatos da prensa. Bitolados a espaços predeterminados.

Senhores:

Desculpem ao que aqui está parecendo jactância. Ao contrário, é confissão de pobreza. Pois se alguém nos der espaço livre, verão quão curto é o nosso fôlego. A qualificação jornalística reside na abrangência a que é levada, e que transforma seus profissionais em mestres insuperáveis do superficialismo. Somos de um dia-a-dia febril e trepidante, e não artistas com tempo para o retoque, a emenda, o embelezamento. Fabricamos como máquinas e não como gente. Serviçais da notícia, escravos dos acontecimentos. Bons para estas horas, do discurso que é mais reportagem que não busca ciência nem atavios, mas a linguagem corriqueira, que é assim que falam os sentimentos e a alegria íntima dos enobrecidos pela destinação destas mercês que estamos hoje a receber.

Senhoras e Senhores:

Não é fácil, sei, situar com justiça e acerto a escala de valores dos que me são parceiros nas honrarias desta solenidade.

Afinal de contas, estou falando em nome de uma *Rita de Cássia Araújo*, conviva dos Anjos, poetisa delês, e estagiária dos escalões superiores da angelitocracia, o que lhe dá status para con-fabular com o Anjo da Guarda, este seu “capanguinha dos céus” - segundo o dizer gracioso de Otto Lara Resende - que a defende do Mal e a inspira para a tessitura de seu versejar encantador.

Discurso aqui em nome do escritor *Caio Porfírio Carneiro*, cearense audaz que, se radicou em São Paulo, tudo indica para ensinar ao Brasil a arte de Escrever Bem. E que brinca com as letras para produzir seus memoráveis contos infanto-juvenis, quando não as empertiga e enfileira, para o difícilíssimo mister de manipular dramaticidades, dentro de espaços concisos, reclamados pelo gênero literário a que se dedicou e que o tornou famoso, a ponto de ser considerado uma das figuras mais preeminentes do Conto brasi-

leiro da atualidade. Além de ser o presidente da União Brasileira dos Escritores.

Orador passo a ser, igualmente, de *Gisélida Medeiros*, colecionadora de sucessos, uma arrebatadora de prêmios literários, e jardineira primorosa desta tão maltratada "última flor do Lácio, inculta e bela". E poeta exímia, a derramar lirismo e beleza na sua atividade trovadora, quando não se entrega aos temas universais da poesia.

Intérprete, também passei a ser, dos sentimentos de *Elvira Drumond de Miranda*, musicista cujos méritos se dirigem, com uma quase exclusividade, ao circo encantado da criançada, fazendo dele o pequeno-grande mundo de sua atividade artística, dividida entre a UFC e o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno.

Uso da palavra por *Maria Elias Soares*, dirigente maior do Centro de Humanidades da UFC e pessoa absolutamente integrada no dia a dia da Universidade.

E por *Tarcila Zaranza*, nome de relevância nas Letras Jurídicas de nosso Estado e advogada defensora incansável e permanente desta Academia, às vezes em que, nem versos nem prosa resolvem, mas apenas a palavra final da Justiça dos homens.

Sou voz também de *Sônia Pinheiro*, jornalista da distinção e do afeto, estilo novo e personalístico do jornalismo social, e sempre a primeira a chegar, às horas em que esta Academia necessita da Imprensa para repercussões maiores de suas iniciativas. É uma bênção para mim ver aquela menina-moça de alguns anos atrás, então a recorrer dos colegas mais experimentados no perlustrar das caminhadas, estar hoje a viver este apogeu, inscrita, com justiça, entre os que recebem, nesta noite, a Medalha do Mérito Cultural. Entre parenteses, Soninha, é uma felicidade tê-la como parceira deste madrigal...

Quanto à minha pessoa - sem brilhos a mostrar - saúdo-me como um alvo preferido, e repetente, da generosidade dos senhores acadêmicos. Há 20 anos atrás, ao completar os 50 anos de vida, esta Casa me concedia a Medalha Thomaz Pompeu. Agora, às vésperas de entoar, como o Príncipe desta Casa, a elegia setentã da existência, num entardecer sem poemas - é verdade - mas também de riso farto e muitas flores, e em meio a uma primavera interior que fortalece e anima, recebo mais outra benemerência. Situação que me quase garante - se continuada for esta escalada das vintenas - o

recebimento, daqui a 20 anos ao completar os 90 - de mais outra generosidade acadêmica. Só que, em tal probabilidade, receberei apenas se estendido aos seis colegas de hoje. Pois pretendo andar sempre bem acompanhado.

Senhores acadêmicos:

Falando por todos os companheiros, transmito-vos a emoção que estamos sentindo, ao sermos agraciados com este título que passamos vaidosamente a conduzir, só inferior ao que ostentais - o de imortais desta Suprema Corte das Letras Cearenses.

Senhor Presidente, espero haver cumprido vossa determinação.

A reportagem aqui termina.